

Mensagem

Fernando Pessoa

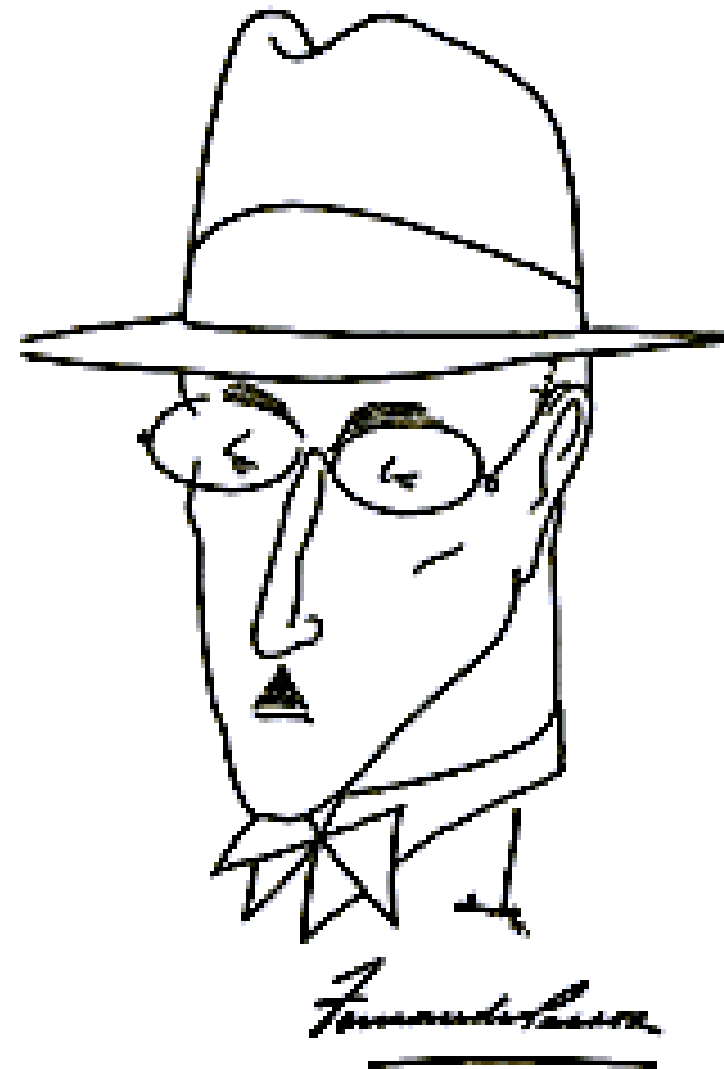
Profº. Nay
Linguagens

Para conhecer **Fernando Pessoa**...

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Fernando Pessoa



(Fonte: insite.com.br)

FERNANDO PESSOA

- Escritor português
- Destacou-se no **Modernismo**
- Poeta famoso
- Possuía diversos heterônimos – autor **multifacetado**
- Crítico literário e político, editor, jornalista, publicitário, empresário, astrólogo, dono de tipografia e editora, além de tradutor de cartas comerciais.
- Histórico de **perdas familiares** – pai, irmãos, etc
- **O poeta deixou em torno de 25 mil páginas de textos**, que vêm sendo, lentamente, publicadas desde a sua morte.

Heterônimos mais comuns:

Álvaro de Campos,
Alberto Caeiro,
Ricardo Reis e
Bernardo Soares.

Quem escreveu o livro Mensagem?

**Fernando Pessoa
(ele-mesmo/hortônimo)**

Curiosidade

Seus dois primeiros livros — *Antinous* e *35 sonnets* — foram publicados em inglês.

Sua primeira obra publicada em português foi **Mensagem**, de 1934.

Por essa obra, o Pessoa ganhou o **Prêmio de Poesia Antero de Quental**.

Características do autor

Produziu obras anticonvencionais, provocativas, com liberdade formal,
Escrevia com elementos futuristas e simbolistas.
Foi também **criador do sensacionismo**

FERNANDO PESSOA

MENSAGEM

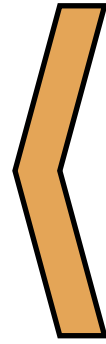


- ✓ O livro “Mensagem” foi o **único de poemas publicado** durante a vida de Fernando Pessoa.
- ✓ Foi lançado menos de um ano antes da morte do poeta português, em dezembro de 1934,
- ✓ A obra é uma *homenagem* ao país em que nasceu.

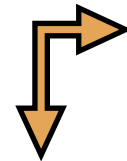
FERNANDO PESSOA MENSAGEM



L&PM POCKET



CONJUNTO DE POEMAS



“Espécie de texto épico/epopeia”

Inspirou-se nos clássicos (a exemplo de Camões)

Contava a **história** de um povo/indivíduo com **visão heroica**

LIVRO DIVIDIDO EM 3 PARTES (livro tripartido)

TOTAL: 44 POEMAS

DIVISÃO: 3 PARTES

BRASÃO (19 POEMAS)

MAR PORTUGUÊS (12 POEMAS)

O ENCOBERTO (13 POEMAS)

FERNANDO PESSOA
MENSAGEM



L&PM POCKET

BRASÃO

Foco no passado lusitano

Riqueza, glória, acúmulos,
pioneirismos, poderes

Elaboração do símbolo
brasão



Fonte: jornal da USP

MAR PORTUGUÊS

Foco nas Grandes Navegações

Pioneirismo, coragem, intempéries,...
Nomes importantes que se lançavam
ao mar...

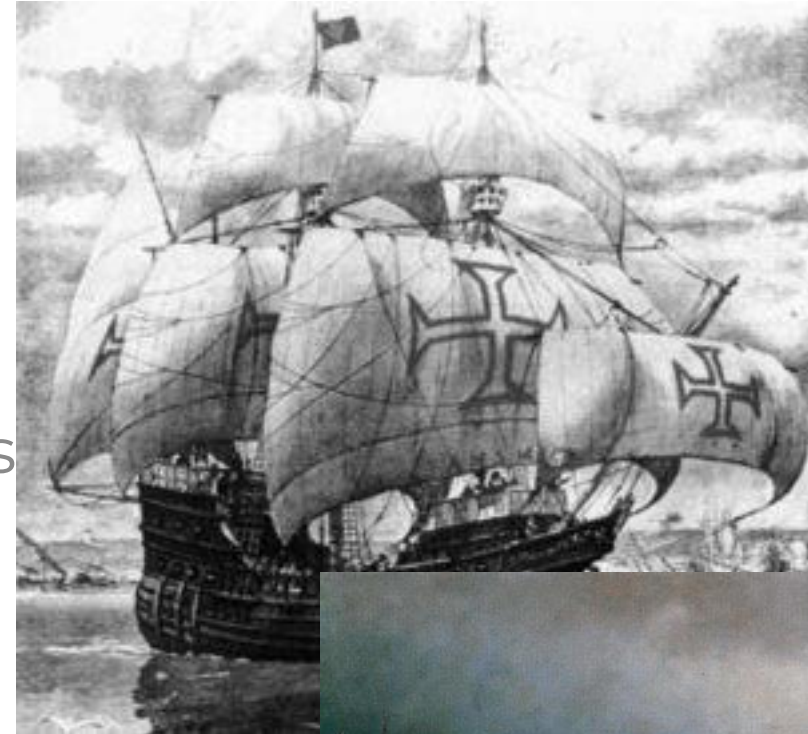


O ENCOBERTO

Parte FANTÁSTICA/FANTASIOSA

surgimento de figuras míticas/irreais
para a construção da imagem
grandiosa de Portugal

Porém, há a **crítica/observação de
uma REALIDADE ATUAL** (para o
contexto de Pessoa)
pessimista/decadente



**MISTICISMO – CIÊNCIAS
OCULTAS/METAFÍSICAS/MÍSTICAS/MÍTICAS**

**MENSAGEM = INTERPRETAÇÃO MÍSTICA/MÍTICA DA
HISTÓRIA DE PORTUGAL**

MISTURA DE ELEMENTOS HISTÓRICOS E IRREAIS

MITOS

MITO DO SEBASTIANISMO – Dom Sebastião – rei que desapareceu na África– **esperança do povo português pelo retorno do rei**, que levaria Portugal para o auge novamente



MITO DO ESPÍRITO AVENTUREIRO – Portugal só conquistou tudo que conseguiu pois era **PREDESTINADO A ISSO** (vocação natural/destino divino)



MITO DO HEROI FUNDADOR – Cidade de Lisboa teria sido **fundada por Ulisses** (personagem mitológico da Antiguidade Clássica)



Análise dos poemas

“D. Sebastião, rei de Portugal” (em Brasão, parte I)

Louco, sim, louco, porque quis grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?



Ulisses (em Brasão, parte I)

O mito é o nada que é tudo.

O mesmo sol que abre os céus

É um mito brilhante e mudo —

O corpo morto de Deus,

Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,

Foi por não ser existindo.

Sem existir nos bastou.

Por não ter vindo foi vindo

E nos criou.

Assim a lenda se escorre

A entrar na realidade,

E a fecundá-la decorre.

Em baixo, a vida, metade

De nada, morre. 9



Viriato (em Brasão, parte I)

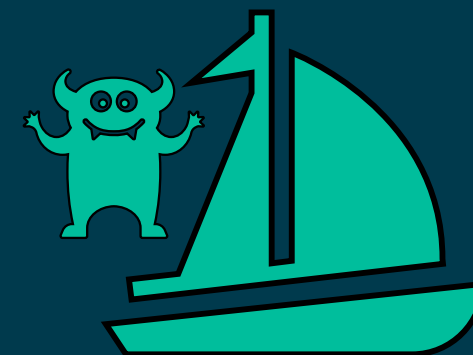
Se a alma que sente e faz conhece
Só porque lembra o que esqueceu,
Vivemos, raça, porque houvesse
Memória em nós do instinto teu.
Nação porque reencarnaste,
Povo porque ressuscitou
Ou tu, ou o de que eras a haste
Assim se Portugal formou.
Teu ser é como aquela fria
Luz que precede a madrugada,
E é já o ir a haver o dia
Na antemanhã, confuso nada.10



Viriato é o pastor que lutou
na resistência dos lusitanos
contra a invasão romana.

MONSTRENGO (parte II – Mar Português)

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: “Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?”
E o homem do leme disse, tremendo:
“El-Rei D. João Segundo!”
“De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?”
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso,
“Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?”



E o homem do leme tremeu, e disse,
“El-Rei D. João Segundo!”
Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as repredeu,
E disse no fim de tremer três vezes,
“Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!”

A ÚLTIMA NAU (parte II – Mar Português)

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?

Deus guarda o corpo e a forma do futuro,
Mas Sua luz projeta-o, sonho escuro
E breve.



Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou
'spaço.

Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mistério.

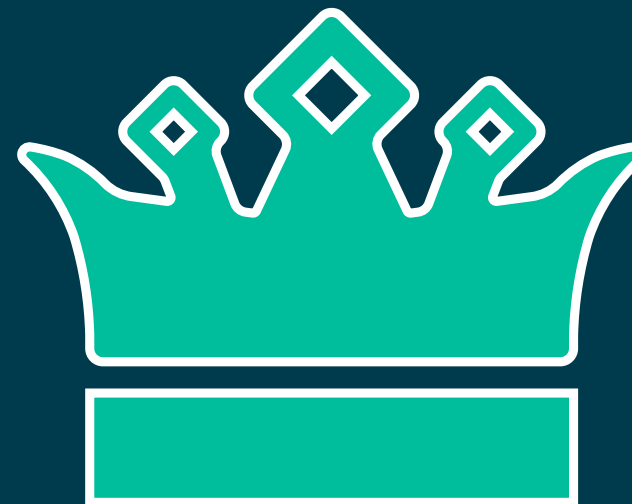
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Império.

NEVOEIRO (parte III – O Encoberto)

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder
Como o que o fogo-fátuo encerra.
Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...
É a hora!

Valete, Fratres.

← “valeu, irmãos”



O mito do Quinto Império

OBRIGADA

Prof.^a Nay
Linguagens